

EÇA DE QUEIRÓS NO PANORAMA DO ORIENTALISMO LITERÁRIO PORTUGUÊS: REPENSANDO LEITURAS

José Carvalho Vanzelli⁵⁵

RESUMO:

O presente trabalho é parte integrante do nosso projeto de mestrado desenvolvido junto ao programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da FFLCH-USP. Neste texto visamos discutir alguns aspectos fundamentais de nossa pesquisa, que serviram como motivação para o desenvolvimento do trabalho. Através de um panorama geral do orientalismo literário português, vamos apresentar onde Eça de Queirós se encaixa dentro desse cenário, debatendo alguns pontos que, julgamos, merecem ser revisitados.

Palavras-chave: Oriente; Ocidente; Orientalismo Oitocentista Português; Século XIX.

ABSTRACT:

This work is part of our master's project developed in the program of Comparative Studies of Portuguese Language Literature in FFLCH-USP. In this text we aim to discuss some fundamental aspects of our research, which we used as motivation for the development of the work. Through an overview of the Portuguese literary Orientalism, we present where Eça de Queirós fits within this scenario, discussing some points that must be revisited.

Keywords: East; West; Portuguese Orientalism; 19th Century.

Portugal está intimamente ligado ao Oriente⁵⁶ em sua história desde o século XV, pois, como afirma António Manuel Hespanha:

Foi no Oriente que se fizeram nossos santos e os nossos heróis. A “nossa” Goa foi a Roma do Oriente e o Padroado Português foi o “do Oriente”, também. Foi no Oriente que o nosso Império começou e é nele que, em 1999, ele irá acabar. (HESPANHA, 1999, p. 15).

Deste modo, representações desse Oriente, seja o das possessões portuguesas ou não, já aparece na literatura lusitana deste o século XVI, com as crônicas humanistas de

⁵⁵ Mestre pelo programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na FFLCH-USP e bolsista FAPESP. Desenvolveu o projeto “Eça de Queirós e o Extremo Oriente” sob orientação da Profa. Dra. Aparecida de Fátima Bueno.

⁵⁶ Embora o conceito de “Oriente” possa ser bastante discutível, fato é que existe, no senso-comum de nossa sociedade, uma fronteira virtual que divide o mundo em dois grandes blocos. Neste trabalho, trato, portanto, de “Oriente” dentro deste conceito, sem debater as limitações de tal classificação.

João de Barros, Diogo do Couto, entre outros. Também se faz presente em obras mais famosas como *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, na prosa, e *Os Lusíadas* de Camões, na poesia.

Do século XVII até meados do XIX, o Oriente apareceu de maneira mais escassa na literatura portuguesa, cabendo aos missionários jesuítas estabelecer o “saber colonial” (HESPANHA, 1999, p. 19) da época. Neste cenário destaca-se, na poesia, Bocage que, com suas visitas às colônias portuguesas na Ásia e com sua comparação a Camões⁵⁷, deixou em seus versos algumas imagens dessas regiões visitadas.

No século XIX, o Oriente recebe representações diversas em Portugal e no restante da Europa. No velho continente, desde o final dos setecentos, um novo movimento começa a surgir nas artes: o “orientalismo”, conforme moldado pelas teorias sociológicas desenvolvidas na segunda metade do século XX⁵⁸. Deste modo, o Oriente – sempre sem limites geográficos claramente demarcados – foi constantemente evocado nas artes deste período, influenciando a literatura, a pintura, a arquitetura, a decoração de interiores e outras artes. Na literatura, verifica-se a forte presença de ecos orientais no romantismo de França, Inglaterra e Alemanha⁵⁹. Esta “evocação” oriental se dá por diversos motivos, dentre os quais podemos destacar: a decifração de formas de escrita até então ilegíveis à intelectualidade europeia⁶⁰ – como os hieróglifos e os ideogramas chineses –, dando, assim, acesso a novas formas de pensamento; a rápida expansão industrial que, com viagens de navio mais rápidas e seguras, e a acelerada expansão das linhas ferroviárias, desenvolveu o turismo; e as políticas imperialista e colonialista do

⁵⁷ Cf. o famoso poema de Bocage “Camões, grande Camões quão semelhante / Acho o teu fado ao meu, quando os cotejo!...”

⁵⁸ Como exemplo de teorias sociológicas orientalistas, cito duas leituras aparentemente opostas de como o Ocidente enxergou o Oriente: a teoria de Raymond Schwab e seu *La Renaissance Orientale* (1950), em que se destaca o lado positivo dessa relação Ocidente-Oriente, sendo este último fonte de inspiração para a intelectualidade europeia se repensar; e a teoria de Edward Said e seu *Orientalismo* (1978), que procura demonstrar como o Ocidente manipulou a imagem do oriental a fim de legitimar sua política colonialista e imperialista.

⁵⁹ É extensa a lista de autores que refletem o orientalismo em suas obras. Para citar apenas alguns, temos Flaubert (1821-1880), Nerval (1808-1855), Chateaubriand (1768-1848), Lamartine (1790-1869), Vigny (1797-1863) e Hugo (1802-1885), na França; Byron (1788-1824) e Thomas Moore (1779-1852), no Reino Unido; na Alemanha, entre tantos outros, Herder (1744-1803) e Goethe (1749-1822).

⁶⁰ Schwab (1950, p. 19) considera este o ponto inicial da influência (positiva) do Oriente no pensamento europeu.

velho continente que obrigou a Europa a estudar cultura, religião e modo de vida dos inúmeros povos asiáticos.

Portugal, no entanto, não representou o Oriente em sua literatura da mesma forma que outras nações europeias. Com o protagonismo em âmbito internacional sendo perdido desde o fim da época das Grandes Navegações, o império lusitano, nesta época, já se encontrava na periferia da sociedade industrial europeia. No entanto, o principal motivo de Portugal não ter desenvolvido concomitantemente ao resto da Europa imagens orientais em sua literatura se deu, principalmente, ao fato de a metrópole lusitana se ver envolvida em inúmeras questões internas: as invasões napoleônicas e a mudança da família real ao Rio de Janeiro; a independência do Brasil; a guerra civil; o *ultimatum* inglês de 1890; entre outros fatos. Tais acontecimentos impediram que seus principais intelectuais voltassem seus olhos para o Oriente e sua influência na Europa. Portanto, se na literatura francesa, inglesa ou alemã, é tema recorrente para escritores, em Portugal, o Oriente surge como uma espécie de tema secundário, impulsionado principalmente pelas literaturas de viagens que se multiplicam sobretudo na segunda metade do século.

Obviamente, não é lícito dizer que não houve uma representação desse Oriente na literatura portuguesa oitocentista. Mas, diz Isabel Pires de Lima: “quando o Oriente pontualmente nela emerge é como representação da ideia de exílio mais até do que como espaço físico de viagem mítica ou real” (LIMA, 1999, p. 148). Ainda, de acordo com a mesma estudiosa, o Oriente só será representado na literatura romântica de maneira tardia:

Só tardiamente alguns remanescentes românticos manifestam um certo gosto difuso pelos ambientes orientais e sobretudo pelo Oriente nacionalista mítico e heroico: são os casos do oficial da marinha Francisco Maria Bordalo, autor do romance histórico *Sansão na Vingança!* (1854); do médico e deputado goês Francisco Luís Gomes, que publicou um dos primeiros romances de ambiente indiano na Europa, *Os Brahamanes* (1866); de Tomás Ribeiro, que para além de textos em prosa intitulados *Jornadas* e da peça *A Indiana* (ambos de 1873), escreveu poesia de inspiração orientalista, *Vésperas* (1880); de Pinheiro Chagas, que situa em Goa o seu romance de intriga romântica, *A Marquesa das Índias* (1890), e será autor de diversos romances históricos que narram viagens à Índia; de Henrique Lopes Mendonça, com a publicação do romance histórico, *Os Órfãos de Calecut* (1894); do profícuo Campos Júnior, o qual, na onda dos romances históricos glorificadores da viagem de Vasco da Gama, por ocasião das comemorações do IV Centenário, publica, em 1898, *Guerreiro e Monge* (a par de Artur Lobo de Ávila, com *A Descoberta e Conquista da Índia* e de Lourenço Cayolla, com *O Despertar de um Sonho*), e mais tarde, *Luís de Camões* (1901), *A Estrela de Nagasáqui* (1907), *Santa Pátria* (?); ou o caso mais tardio ainda de Eduardo Noronha, que dá a lume, em 1927, um romance sobre a vida de S. Francisco Xavier, *O Missionário* (LIMA, 1999, p. 148-149).

Deste modo, “será preciso esperar pela Geração de 70 para que o Oriente adquira matizes originais e significativos na literatura portuguesa oitocentista” (LIMA, 1999, p. 149)⁶¹. É neste quadro que se insere as principais figuras da célebre Geração de 70, como Antero de Quental e Eça de Queirós, de quem trataremos mais detidamente.

A partir da virada do século XIX para o XX, o Oriente passa a ganhar maior representação na literatura portuguesa, principalmente na poesia, com as figuras de Camilo Pessanha, António Feijó, entre tantos outros. Na prosa, se destaca Wenceslau de Moraes e suas crônicas escritas do Japão. Outros autores se sucederam e imagens orientais aparecem também ao longo de todo o século XX. No entanto, não avançaremos mais na reconstrução de um panorama do Orientalismo literário português, pois a contextualização de nosso autor aqui focado, Eça de Queirós, já está feita.

O quadro até aqui retratado é comum à maioria dos textos que aceitam o desafio de traçar um panorama do orientalismo na literatura portuguesa⁶². É necessário destacar que todo panorama, por mais detalhado que seja, apresenta inevitavelmente suas limitações, pois é obrigado a selecionar autores-chave de cada época focalizada e ler de maneira rápida as obras, em sua maioria complexas, de cada um desses artistas. Não será diferente neste caso, já que, por exemplo, um orientalismo literário colonial, isto é, produções literárias produzidas em Goa, Macau e Timor Leste são normalmente excluídas deste quadro.

Eça de Queirós, ao contrário, está sempre presente nestas visadas amplas. Como se pode perceber, estudiosos como António Manuel Hespanha e Isabel Pires de Lima consideram o autor de *O Primo Basílio* como um dos primeiros – quando não o primeiro – a retomar de maneira original a temática oriental na literatura lusa. Entretanto, visões um pouco diversas também estão presentes na crítica de um modo geral. Não é raro encontrarmos interpretações em ensaios e teses acadêmicas bastante recentes que, ao posicionar Eça de Queirós dentro deste quadro, leem o Oriente queirosiano como “caricatural”; a busca pelo exótico; ou como resultado de um “modismo do *fin-de-siècle*”. Ao longo de nossa pesquisa, muito nos intrigou esta chave de leitura, pois, se Eça de Queirós foi um homem que representou com maestria

⁶¹ António Manuel Hespanha compartilha da mesma visão, pois afirma que “os românticos portugueses procuraram o pitoresco, não no exotismo, mas nos tipos medievais ou populares. É preciso esperar por Eça de Queirós para encontrarmos referência ao Oriente” (HESPANHA, 1999, p. 26)

⁶² Um dos principais textos é *O Mito do Oriente na Literatura Portuguesa*, de Álvaro Manuel Machado (1983).

diversos aspectos da sociedade portuguesa (e europeia), conforme mais de um século de crítica sobre sua obra vem demonstrando, por que teria este autor tratado do Oriente apenas por ser uma referência “da moda”?

Para tentar demonstrar como tal leitura acaba sendo superficial, é necessário vermos em quais momentos nosso escritor entra em contato com o Oriente.

Eça de Queirós teve algumas experiências diretas com o Oriente, principalmente, durante sua juventude. Os contatos foram rápidos, porém fundamentais para sua produção artística. O futuro autor de *Os Maias* em 23 de outubro de 1869, então bacharel recém-formado em Coimbra com 23 anos, embarcou acompanhado de seu amigo e futuro cunhado Conde de Resende em uma viagem ao Egito com o propósito de assistir a inauguração do Canal de Suez. Esta viagem durou aproximadamente três meses, com Eça e Conde de Resende aportando em Lisboa novamente em 3 de janeiro de 1870. Nesta viagem – cujo trajeto permitiu Eça conhecer outras localidades como Cádiz e Gibraltar na Espanha e Malta – o jovem bacharel e seu futuro cunhado não se limitaram a conhecer apenas as terras egípcias. Percorreram também a Terra Santa, visitando a Palestina e a Alta Síria. Jaime de Batalha Reis, na introdução às *Prosas Bárbaras* (1903) resume a importância dessa viagem. Ao relembrar a tarde em que Eça retornara de sua viagem pelo Oriente Próximo diz: “Ouvimo-lo toda aquela tarde, fomos jantar com ele – não o podíamos largar. As ideias estéticas de Eça de Queirós haviam-se, a esse tempo, profundamente modificado” (REIS, 1958, p. 568). Parece-nos fato o afirmado por Jaime Batalha Reis, pois tal viagem fez com que Eça mergulhasse em leituras – antes e depois da excursão – acerca da Terra Santa, a religião cristã e suas principais figuras. Jaime Batalha Reis (1958, p. 568) cita *Vida de Jesus* (1863) e *São Paulo* (1869) de Ernest Renan, *Memórias de Judas* (1867) de Ferdinando Petruccelli della Gattina (1815-1890) e *Salambô* (1862) e a *Tentação de Santo Antão* (1874) de Gustave Flaubert (1821-1880) como leituras feitas por Eça.

Seja através da experiência direta, seja pela literatura que consumiu a partir da possibilidade de conhecimento de terras orientais, fato é que a viagem de Eça foi fundamental para o desenvolvimento de dois tópicos essenciais em sua literatura: As figuras bíblicas e a igreja católica. Dentro da ficção queirosiana são muitas as obras – tanto contos, como *A Morte de Jesus* (1870) quanto romances, como *A Relíquia* (1887) – que dialogam com essa experiência de viagem.

A ida ao Egito, Palestina e Alta Síria, no entanto, não renderá frutos apenas em sua ficção. Talvez influenciado por Flaubert – que também viajara ao Egito e a Jerusalém e deixara escritas suas impressões – talvez na intenção de exercitar seu estilo, Eça redige inúmeras notas de viagem. Embora tivesse a intenção publicá-las (CAMPOS MATOS, 1988, p. 219), Eça nunca levou a público suas anotações. Partes destas foram reunidas e adaptadas por dois dos filhos de Eça, José Maria e Alberto (CAMPOS MATOS, 1988, p. 221) e publicadas em 1926 sob o título de *O Egito*. As anotações que correspondem às impressões da Palestina e da Alta Síria ainda levaram mais 40 anos para serem reveladas, cabendo à filha de Eça, Maria, a versão de 1966 publicada em *Folhas Soltas*. Apesar de nunca ter revisado e publicado suas notas de viagem, estas foram úteis a Eça para compor algumas cenas de sua ficção. Campos Matos diz que “do material [...] sairia depois *A Relíquia*, um capítulo da *Correspondência de Fradique Mendes*, as recordações de Malta utilizada n’*O Mistério da Estrada de Sintra* e a visão do deserto do conto *Santo Onofre*” (CAMPOS MATOS, 1988, p.219-220). Nos textos não ficcionais, ainda encontramos a crônica “De Port-Said a Suez” (1870), publicada em quatro folhetins no *Diário de Notícias* pouco após seu retorno da viagem. O Oriente Próximo ainda aparecerá em outros textos não ficcionais de Eça como “Os Ingleses no Egito” (1882); as *Cartas de Londres* (1877), composta por quinze crônicas nas quais, em sua maioria, é tratado de um conflito bélico entre Rússia e Turquia; e uma reflexão da mulher muçulmana no *Almanaque das Senhoras* (1871).

Retornado de sua viagem ao Oriente, Eça se tornou diplomata português em 1872, função que exerceu até o fim de sua vida em quatro localidades: Havana, nas Antilhas Espanholas (1872-1874); Newcastle (1874-1879) e Bristol (1879-1888), na Inglaterra; e Paris, na França (1888-1900). Em Havana, aconteceu seu segundo contato com Oriente. Lá, teve que interceder por chineses que trabalhavam em um regime de escravidão em fazendas de proprietários espanhóis (BERRINI, 1993, p. 196). A situação dos trabalhadores asiáticos era responsabilidade da autoridade portuguesa na ilha devido às saídas se darem a partir do porto de Macau, então território lusitano. “[...] De acordo com o regulamento de emigração daquela possessão, [os chineses] eram beneficiados da proteção consular portuguesa” (MAGALHÃES, 2000, p. 13), mesmo que suas origens fossem outras regiões da China continental. Após seu retorno à Europa, Eça produziu, em 1874, um relatório que só chegou ao público em 1979, sob o título de *A Emigração como Força Civilizadora*, em que analisa “as feições da emigração livre, a história dos seus movimentos, as suas causas, as suas consequências econômicas, as suas relações

com o Estado, e a possibilidade da sua organização universal” (QUEIRÓS, 2000, p. 2084), dedicando-se também à emigração chinesa, “a mais célebre e a mais discutida das emigrações asiáticas” (QUEIRÓS, 2000, p. 2069).

A partir desse contato, Eça representou o Extremo Oriente por diversas vezes, seja em seus textos literários, seja em suas crônicas jornalísticas. Na sua ficção, destaca-se a novela *O Mandarim* (1880), com parte de seu enredo se passando na China. Ainda, encontramos referências ao Extremo Oriente em *O Mistério da Estrada de Sintra* (1870), *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900), além “da franca utilização de elementos culturais chineses, presentes no pano de fundo de muitas de suas descrições ficcionais” (FIGUEIREDO, 2005, 113), as quais podemos destacar *O Crime do Padre Amaro* (1880, a última versão), *A Cidade e as Serras* (1900), entre outras. No plano dos textos de imprensa, destacam-se artigos escritos ao longo de toda sua carreira jornalística. Em *As Farpas* (1871-1872) encontramos dois textos que tratam das colônias portuguesas no Oriente; em *Cartas da Inglaterra* (1877), a sexta carta trata da fome na Índia; em textos publicados no jornal carioca *Gazeta de Notícias* há diversos artigos, dentre os quais sobressaem o primeiro texto escrito para o periódico, intitulado apenas “Cartas de Paris e Londres”, datada de seis de junho de 1880, “A França e o Sião” (1893), “Chineses e Japoneses” (1894), “A Propósito da Doutrina Monroe e do Nativismo” (1896) e “As Catástrofes e as Leis da Emoção” (1897); ainda há um artigo intitulado “França e Sião” (1897) que foi publicado na *Revista Moderna* de Paris.

Em suma, como se pode notar, Eça escreveu sobre o Oriente ao longo de toda sua vida, e nos mais diversos gêneros textuais: relatórios consulares; romances e contos; textos de imprensa; e correspondência pessoal⁶³. Assim, apenas com esta visada geral da literatura queirosiana, já se pode perceber que o Oriente de Eça é mais denso do que se julga inicialmente.

Mesmo em obras que o Oriente normalmente é visto como uma representação do exótico ou é lido como parte do “fantástico”, como é o caso de *O Mandarim*, na realidade, existem ali representadas questões da relação Ocidente-Oriente mais complexas que se depreende de uma leitura descompromissada. Especificando nosso

⁶³ Referências orientais aparecerem, por exemplo, na carta de 28 de novembro de 1878, dirigida a Ramalho Ortigão, e em uma carta escrita ao Conde de Arnoso datada apenas com o ano de 1889.

foco à obra *O Mandarim*, não nos é possível apresentar aqui uma leitura detalhada desta obra⁶⁴, mas vamos apresentar brevemente alguns pontos que julgamos exemplares.

Parece ser consenso entre os estudiosos deste livro que Eça representa em Teodoro o pequeno burguês lisboeta que vai ao Oriente e de lá nada compreende. Com tal fato, concordamos inteiramente. No entanto, poucos percebem que Eça faz uma análise em “mão dupla” com Teodoro no Oriente. Explico: se Eça, por um lado, realmente faz de Teodoro aquele europeu que vai a China e apenas a vê superficialmente, sem adentrá-la de fato (mas pensando que já domina toda sua cultura)⁶⁵, por outro, também mostra como os Europeus são vistos pelos chineses: a visão de um Europeu como bárbaro, a imagem do “diabo estrangeiro”, entre outras⁶⁶. Deste modo, o autor mostra como, no fundo, os pré-julgamentos e os preconceitos são similares e mútuos. Portanto, Eça retrata uma relação Ocidente-Oriente bastante original, em que não desenha um chinês estereotipado (ou melhor, o faz para ironizar a visão europeia) – como seria o caminho intelectual mais fácil –, assim como também não toma uma posição de defesa completa dos chineses – como era comum por parte de alguns intelectuais que viajam para terras da China, Índia, Japão e se apaixonavam por suas culturas. Demonstra ter uma visão bastante ponderada, em que se destaca aspectos positivos e negativos de ambas as culturas. Retrata, assim, de maneira inédita para sua época uma relação antiga e conflituosa que perdura até os dias de hoje.

Exercício de olhar semelhante acontece no artigo “Chineses e Japoneses”. Nesta crônica, Eça usa como pretexto a Guerra Sino-Japonesa de 1894 para debater sobre a entrada de imigrantes chineses no Rio de Janeiro. Esta discussão tomou grandes proporções na época, tendo diversos intelectuais brasileiros, como Machado de Assis, opinando sobre a questão⁶⁷. No entanto, antes de começar a tratar da questão da emigração, Eça faz a mesma análise “em mão dupla” de *O Mandarim*, mostrando como chineses, japoneses e coreanos eram vistos por europeus e como os chineses enxergavam os povos do velho continente. Por fim, acaba por defender a não utilização de mão de obra chinesa, pois acredita que uma relação harmoniosa entre Ocidente e

⁶⁴ Para tal fim, conferir nossa dissertação de mestrado.

⁶⁵ Cf. a cena do jantar chinês e do uso da cabaia por parte de Teodoro (capítulo IV)

⁶⁶ Cf. a expulsão de Teodoro e Sá-Tó de Tien-Hó (capítulo VI).

⁶⁷ Cf. OLIVA, 2008.

Oriente é inviável, uma vez que, quando entram em contato, ambos não tentam aprender nada com o outro, se fechando em colônias e vivendo de uma existência própria⁶⁸.

Deste modo, apenas com uma visita rápida a estes dois textos, pode-se compreender que Eça de Queirós pensa um Oriente contemporâneo e que, portanto, não pode ser resumido a uma busca em terras distantes por um exotismo da moda.

Esclarecemos que não estamos afirmando, obviamente, que o Oriente queirosiano foi mal lido. Mas acreditamos que, em muitos momentos, ele foi interpretado de maneira superficial. Portanto, acreditamos que se faz necessário uma revisão às representações ecianas do Oriente. Revisão que tentamos fazer em nosso projeto de mestrado, mas que, claramente, não se encerra em nossa pesquisa. As obras de Eça são abundantes e complexas. Por isso, é preciso estudar com cuidado seus diversos textos que versam sobre temas orientais e verificar detalhadamente como ele se configura.

Concluimos esta apresentação com uma questão: se, ao olharmos com um pouco mais de atenção às obras de Eça, detectamos que, no campo do orientalismo literário, nosso autor não foi lido com a profundidade que deveria, não estariam outros escritores sendo lidos, também, de maneira superficial, ou pior, não sendo lidos? Não poderia, por exemplo, o Oriente de Antero de Quental ter mais coisa a nos dizer do que normalmente é interpretado? Ou representações do Oriente em Camilo Castelo Branco não poderiam transmitir uma imagem mais profunda do que aparenta ter? Ampliando a questão, não poderiam ter autores anteriores a estes que citamos que tenham representado o Oriente, por exemplo, em suas novelas históricas e tenham dito em suas entrelinhas mais do que se julgou até este momento?

Esta é uma questão a ser explorada e que, ainda, há muito a ser debatida.

REFERÊNCIAS

BERRINI, Beatriz. A China na vida e na obra. In: CAMPOS MATOS, A. (org.) *Dicionário de Eça de Queirós*. Lisboa: Caminho, p. 196-200, 1993.

CAMPOS MATOS, A. (org.). *Dicionário de Eça de Queirós*. Lisboa: Caminho, 1988.

FIGUEIREDO, Monica. Entre “coolies” e mandarins, as inscrições chinesas em Eça de Queirós. In: *Literatura Portuguesa Aquém-mar*. FERNANDES Annie Gisele, OLIVEIRA, Paulo Motta (orgs.). São Paulo: Komedi, p.107-121, 2005.

⁶⁸ Para uma análise mais detida deste texto, cf. VANZELLI, 2013 ou nossa dissertação de mestrado.

HESPANHA, António Manuel. O Orientalismo em Portugal (séculos XVI-XX). In: RODRIGUES, Ana Maria (coord.) *O Orientalismo em Portugal*. Porto: Edifício da Alfândega, p. 15-37, 1999.

LIMA, Isabel Pires de. O Orientalismo na Literatura Portuguesa (Séculos XIX e XX). In: RODRIGUES, Ana Maria (coord.) *O Orientalismo em Portugal*. Porto: Edifício da Alfândega, p.145-160, 1999.

MAGALHÃES, José Calvet de. Eça de Queirós, cônsul e escritor. In: *Revista Camões*, nº. 9-10. Lisboa: Instituto Camões, p. 8-22, 2000.

OLIVA, Osmar Pereira. Machado de Assis, Joaquim Nabuco e Eça de Queirós e a imigração chinesa – qual medo? In: *Revista da ANPOLL*, n. 24, v. 2. Brasília: UnB, p. 66-84, 2008.

QUEIRÓS, Eça de. A Emigração como Força Civilizadora. In: *Eça de Queiroz. Obra Completa*. BERRINI, B. (org.). Vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 1999-2084, 2000.

REIS, Jaime Batalha. Introdução. In: *Obra Completa de Eça de Queiroz*. Vol. 1. Porto: Lello & Irmão Editores, p.543-569, 1958.

SCHWAB, Raymond. *La Renaissance Orientale*. Paris: Payot, 1950.

VANZELLI, José Carvalho. Uma Leitura da China em “Chineses e Japoneses” e O Mandarim de Eça de Queirós. *Estação Literária*, Londrina, vol. 10b, p. 126-141, jan. 2013.